

PESQUISAR PARA TRANSFORMAR: O BOI TIRA TEIMA DE CARUARU-PE E A POTÊNCIA SENSÍVEL DA ARTE E DA INTERCULTURALIDADE

RIDELMA BARBOSA DE MOURA MINHAQUI

Mestranda em Educação Contemporânea - Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste, ridelma.moura@ufpe.br ;

1. INTRODUÇÃO

*“Visão é recurso da imaginação para dar às palavras novas liberdades?”
(Manoel de Barros)*

É justamente “para dar liberdade às palavras” que construo o presente relato de experiência, pautado em elementos de um imaginar sensível e transformador do ato de pesquisar. Antes de ‘desenhar palavras’ que apontam para a pesquisa de mestrado¹ que atualmente desenvolvo, gostaria de falar um pouco acerca do grupo de Cultura Popular Boi Tira Teima, da cidade de Caruaru, Pernambuco.

Com 99 anos de existência, o Boi Tira Teima, resiste e (re)existe na cultura popular caruaruense, com inserção nas tradições juninas, carnavalescas, folclóricas comemorativas locais. Além da brincadeira do Bumba-meu-boi, o grupo desenvolve atividades diversas como: dança popular com o Grupo Feminino de Dança Pérola Negra, Maracatu, Orquestra de Frevo e Grupo percussivo mirim, com ações voltadas para resistências negras. O folguedo mantém suas tradições sob a organização da Família Gercino, possuindo mais de 60 integrantes do grupo familiar. Nos quase 100 anos de existência, trata-se de um grupo que, a partir da arte e da cultura popular, produz a história das resistências negras em Pernambuco. Este relato de experiência trata-se não apenas da dimensão do Boi Tira Teima, mas da sua singular de fazer arte produzindo valores, afeições, identificações e transformações outras, por meio de sua produção artística intercultural.

Foi também, a partir de sua atuação que modifiquei minha visão epistêmica de fazer pesquisa, vislumbrando processos sensíveis que me levaram a entender o grupo como sendo potência na luta antirracista, possibilitando assim o questionando de meus privilégios, advindos da minha branquitude, e tornando minha pesquisa um campo político de discursão para problematização, discussão e transformação de atitudes que favoreçam a crítica às desigualdades raciais. Tal processo me levou a compreender que a construção de subjetividades decorre de processos individuais e coletivos, a partir do elo com o cultural. As construções do

1 Dissertação intitulada: “Interculturalidade e Saberes Populares: O ‘Boi Tira Teima’ de Caruaru – Pernambuco, as expressões de uma pedagogia cultural antirracista”, PPGEduc/UFPE-CAA.

sensível, das afetividades, da identidade, são mediadas pela troca de sentidos, do que experimentamos e percebemos no cotidiano, de como nos recriamos e reconhecemos de acordo com nossas identificações.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

*Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica
o resto.
(Manoel de Barros)*

Desde a graduação compreendi que o universo acadêmico podia ser fascinante, pesquisar se aproximava, da forma mais real, de compreender não só uma problemática almejada, ia muito além, galgava os caminhos de compreender principalmente a si. A pesquisa acadêmica, a mim, possibilitava a percepção de outras experiências que ao meu ver estavam além da academia, transpunha o sentir, o esperar, o tornar belo aos olhos. E é justamente nesse aspecto que não encontrava correspondência nos caminhos trilhados na pesquisa durante a graduação. Ingressei na graduação desejando pesquisar arte, não sabia explicar, mas a arte parecia explicar o que não era possível de ser dito, talvez por acreditar ser ela fundamental à vida, e sobre isso Schiller (2012) parecia concordar comigo, talvez por ela, a arte, apontar caminhos para a compreensão da minha subjetividade. Ora, se era por meio da arte que eu conseguia aproxima-me de minhas subjetividades, porque não haveria de ser por ela que encontraria respostas para a minha ânsia de pesquisar? Lamentavelmente não foi a academia me levou à caminhos da pesquisa, que me aproximou de identificações outras, e me distanciou da arte e do poder que ela tem para trazer respostas à construção de novos afetos, inclusive acadêmicos.

E, nesses (des)caminhos que me afastaram do sensível, passo a compreender a academia como campo de disputas não só epistêmicas, mas socialmente construídas numa ideia rígida de que não há espaço para o sentir. Eu parecia quase não saber o que buscava, tudo é pragmático, técnico, competitivo. Me senti infértil por acreditar não haver a possibilidade de experimentar as sensibilidades do existir na pesquisa. Cheguei a desacreditar que pudesse haver experimentação do sensível por meio da pesquisa, concluindo que eu não podia ser, num espaço que não me permitia sentir. Após alguns anos de silêncio e reclusão, atentei para o fato de que todos os exercícios de pesquisa acadêmica que havia feito, não

traziam a arte como cerne. Foi então que decidi retornar a ideia de que a pesquisa pode compreender outras respostas além das acadêmicas.

Decidi pesquisar arte, mas a arte na qual eu tinha acesso, a cultura popular, os processos artísticos da minha cidade, e foi aí que o Boi Tira Teima, um bumba-meu-boi que marcou não só minha infância, mas os meus desejos mais íntimos de brincar os carnavais, festas juninas e folclóricas da minha cidade, e motivada pelos estudos pós-estruturalistas onde encontro um alento ao perceber nessas concepções desconstruções de ideários modernos e estruturais que têm

influenciado os campos filosófico, antropológico, social, psicológico, político, educacional e nos estudos feministas e de gênero, sobre corpos e sexualidades, raça e etnias, afrocentrismos e ancestralidades que promove aberturas para tornar o respeito às diferenças comum a todas e todos.

3. RESULTADOS

*“Invento para me conhecer”
(Manoel de Barros)*

Minha pesquisa compreende o Boi Tira Teima como um espaço educativo ao enfrentamento do racismo a partir sua atuação social por meio da arte. No entanto, estudar questões raciais me trazia um desconforto por não ser esse o meu lugar de fala², contudo, por meio dos estudos desenvolvidos, compreendi a necessidade de não só discutir, mas de perceber a construção da subjetividade como necessária no trajeto antropológico do ser, a partir da troca de afetos e dos impulsos. Também refleti não só na perspectiva intercultural de “respeitar diferenças e integrá-las em uma unidade que não as anule” (FLEURI, 2003, p. 17), mas a perspectiva crítica que possibilita transformar minha branquitude em espaço de questionamento de privilégios e ferramenta política antirracista trazendo a necessidade de uma consciência identitária privilegiada, e por isto, silenciada nas estruturais do racismo.

O que poderíamos chamar de resultados dentro da ressignificação de si numa pesquisa? O que uma pesquisa que tem te mostrado a questionar

2 Refiro-me aqui, ao conceito desenvolvido por Djamilia Ribeiro (ano?) ao considerar ser esse, um debate estrutural e não apenas de experiências individuais, mas um lugar social ocupado por determina

privilégios e condenar injustiças pode trazer de resultados? Imagino uma planta que estava ali, acostumada com um pequeno jarro limitando seu desenvolver, e, derrepente é plantada em um terreno fértil, ao lado de outras plantas saudáveis e frondosas, sob cuidados amstosos e gentis. O que podemos prever como resultado? Mas é necessário lembrar que mesmo em meio a uma mudança, mesmo que positiva, a planta terá que se (re)adaptar ao novo, mas, se desenvolverá, tal como as outras.



Fonte: Acervo Boi Tira Teima.

O Boi Tira Teima provoca em mim encontros imaginários, pautados no sensível e na afirmação das subjetividades e, a partir da sua prática artística, promove transformações sensíveis capazes de me levar a compreensão que, sendo eu, parte do problema que fundamenta o racismo estrutural no Brasil, eu posso questionar privilégios e “participar do debate sobre a divisão equitativa do produto social nacional entre brancos e negros” (MUNANGA, 2017, p. 11).

Percebo que os resultados desta pesquisa já apontam transformações sensíveis na minha subjetividade, sobretudo como pesquisadora. Contudo, vislubro que mais aspectos se farão visíveis em breve. Vivenciar a pesquisa como transformação de si, me leva a entender que fazer pesquisa, sobretudo em arte, a partir da cultura popular me aponta um caminho para perceber que tal processo não precisa ser limitante, estático e solitário, mas dinâmico, impactante e, ainda sim produtivo, causador de beleza outras.



Fonte: Acervo Boi Tira Teima.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Menino do Mato**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

FLEURI, R. M. (org.). **Intercultura**: estudos emergentes. Florianópolis: MOVER; Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, p. 117-127.

MUNANGA, K. Prefácio. *In*: MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017, p. 09-12.

SCHILLER, F. A **Educação Estética do Homem**: numa série de cartas. Trad. Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.